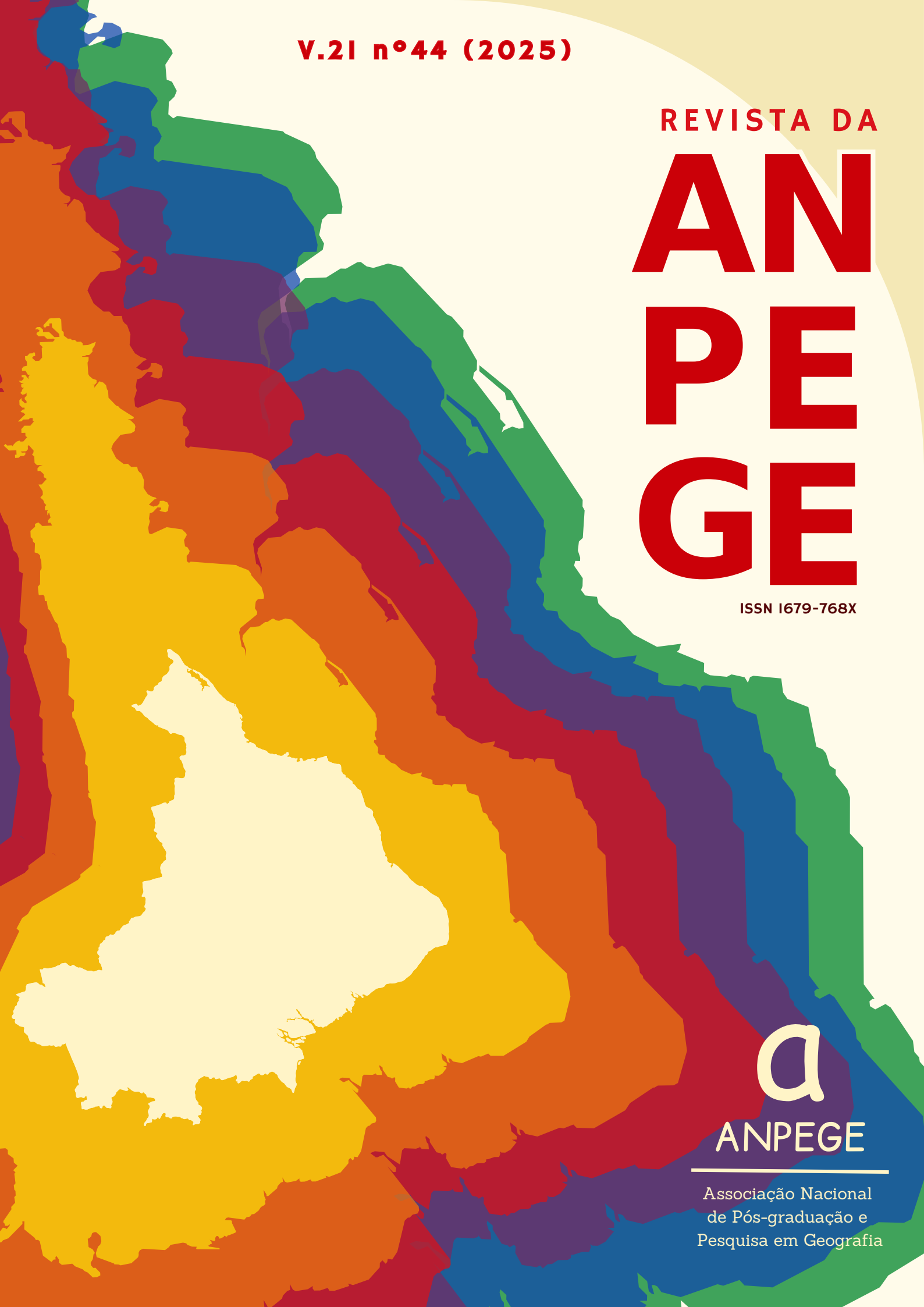
V.21 nº44 (2025)

REVISTA DA ANPEGE

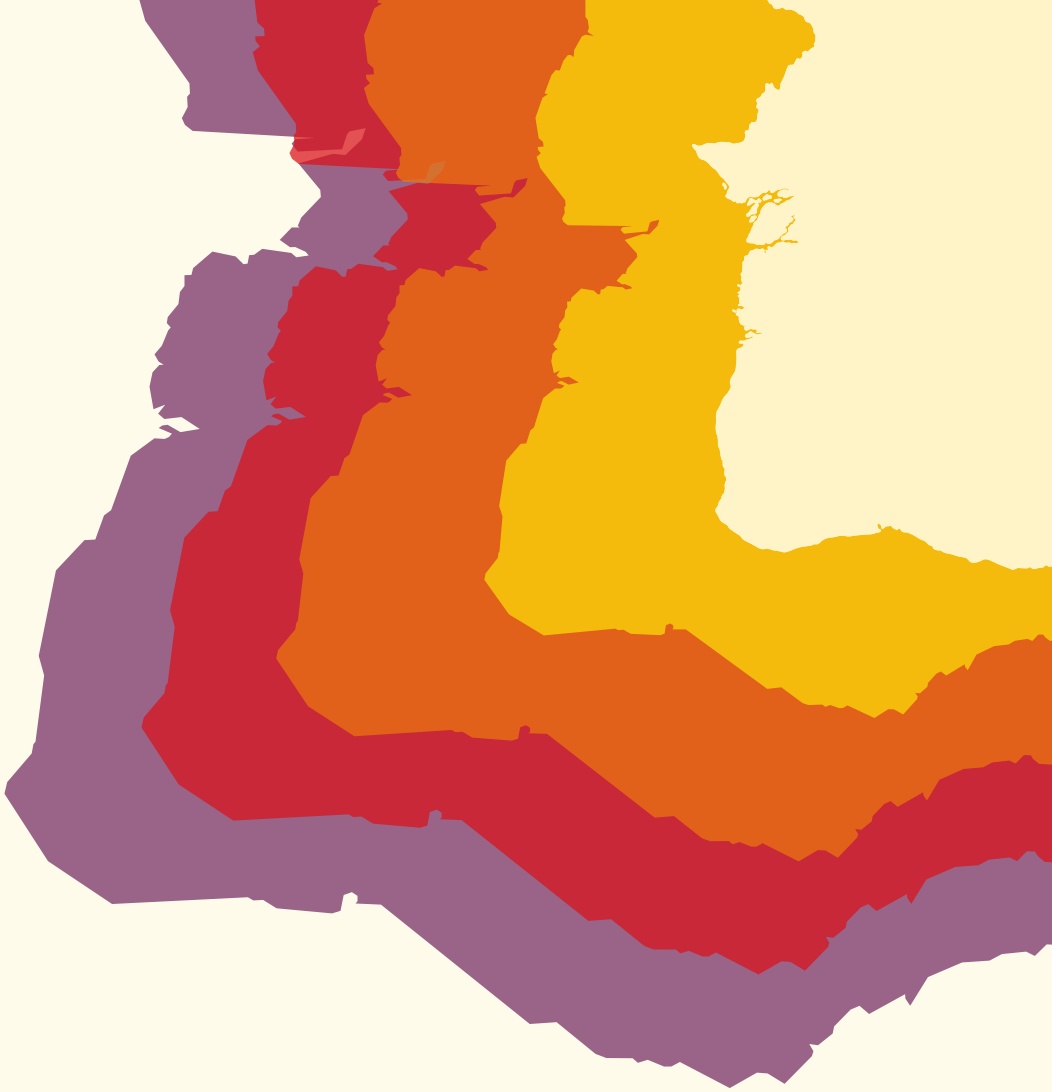
ISSN 1679-768X



a ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA
ANPEGE



Arte e formação docente: espaço, corpo e mapa na obra de Alex Flemming

Art and teacher education: space, body, and map in the work of Alex Flemming

Arte y formación docente: espacio, cuerpo y mapa en la obra de Alex Flemming

DOI: 10.5418/ra2025.v21i44.19408

IARA VIEIRA GUIMARÃES
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
RAFAELA CELESTINA ZANETTE
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

V.21 n°44 (2025)
e-issn : 1679-768X

RESUMO: O artigo reflete sobre as conexões entre Arte e Geografia, tomando como objeto de análise a obra do artista contemporâneo Alex Flemming. Com sua produção provocativa e interdisciplinar, Flemming é apresentado como um autor cuja obra pode enriquecer o entendimento sobre a produção do espaço geográfico, ampliando as perspectivas de docentes e discentes. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem interpretativa e cultural, explorando as interfaces entre a produção plástica e visual do artista e os conhecimentos geográficos. Essa análise busca identificar ressonâncias, inter-relações e possíveis dissonâncias presentes nas obras, promovendo uma reflexão crítica sobre os temas abordados. A metodologia também conecta essas produções artísticas ao processo de ensino-aprendizagem, destacando seu potencial pedagógico. Os resultados apontam para a potência da análise de obras de arte como recurso formativo para professores de Geografia. O artigo evidencia como a experiência estética pode promover a ampliação do repertório cultural e pedagógico, enriquecendo práticas docentes e incentivando uma abordagem interdisciplinar e crítica do espaço geográfico. Dessa forma, reafirma-se a relevância de utilizar a arte como instrumento para reflexões sobre o mundo, o espaço e as relações humanas no contexto educacional.
Palavras-chave: geografia; arte; formação docente.

ABSTRACT: The article explores the connections between Art and Geography, focusing on the work of contemporary artist Alex Flemming as its object of analysis. Flemming's provocative and interdisciplinary creations are presented as a valuable resource for enhancing the understanding of geographic space production, broadening the perspectives of teachers and students alike. Methodologically, the study employs an interpretive and cultural approach to examine the intersections between the artist's visual and plastic productions and geographic knowledge. This analysis aims to identify resonances, interrelations, and potential dissonances within the works, fostering critical reflection on the themes addressed. The methodology also links these artistic creations to the teaching-learning process, emphasizing their pedagogical potential. The findings highlight the power of analyzing works of art as a formative tool for Geography teachers. The article

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

demonstrates how aesthetic experiences can expand cultural and pedagogical repertoires, enriching teaching practices and encouraging an interdisciplinary and critical approach to geographic space. Thus, the study reaffirms the importance of using art to inspire reflections on the world, space, and human relationships within the educational context.
Keywords: geography; art; teacher education.

RESUMEN: El artículo explora las conexiones entre el Arte y la Geografía, centrando su análisis en la obra del artista contemporáneo Alex Flemming como objeto de estudio. Las creaciones provocativas e interdisciplinarias de Flemming se presentan como un recurso valioso para enriquecer la comprensión de la producción del espacio geográfico, ampliando las perspectivas tanto de docentes como de estudiantes. Metodológicamente, el estudio adopta un enfoque interpretativo y cultural para examinar las intersecciones entre las producciones visuales y plásticas del artista y el conocimiento geográfico. Este análisis busca identificar resonancias, interrelaciones y posibles disonancias en las obras, fomentando la reflexión crítica sobre los temas abordados. Además, la metodología conecta estas creaciones artísticas con el proceso de enseñanza-aprendizaje, destacando su potencial pedagógico. Los resultados subrayan el poder del análisis de obras de arte como herramienta formativa para los docentes de Geografía. El artículo demuestra cómo las experiencias estéticas pueden ampliar los repertorios culturales y pedagógicos, enriquecer las prácticas de enseñanza y fomentar un enfoque interdisciplinario y crítico sobre el espacio geográfico. De este modo, el estudio reafirma la importancia de utilizar el arte como medio para inspirar reflexiones sobre el mundo, el espacio y las relaciones humanas en el contexto educativo.
Palabras clave: geografía; arte; formación docente.

Introdução

O desenvolvimento da experiência estética possui grande relevância para a formação dos estudantes. Quando somos estimulados por novos conceitos, ideias, imagens, palavras, formas e sonoridades, há uma ressonância com aprendizagens anteriores, provenientes das experiências sensoriais, sociais e educacionais adquiridas ao longo de nossa formação, conectando-se com o que está sendo vivenciado e apreendido no presente. Por isso, a formação estética não deve se restringir apenas ao campo da Arte, mas deve também abranger a educação geográfica.

Nesse percurso analítico podemos nos reportar ao trabalho de Jhon Dewey, que teve como cerne a educação experiencial, o ato de aprender fazendo. Ele acentuou que quando estamos atentos ao nosso ambiente, nós elaboramos questões, buscamos explorar o nosso meio, temos o desejo de compartilhar descobertas e ideias, o que tem relação com nosso senso experiencial. Para Dewey (2010), a experiência é uma negociação consciente entre o eu e o mundo, pois, de um lado temos as formas requintadas de uma experiência com as produções de arte e, de outro, as experiências do cotidiano - como ambas fazem parte da vida, a experiência com a arte pode ser mobilizadora de aprendizagens.

A repercussão do objeto artístico não existe de maneira isolada do contexto de fruição do espectador, pois ele passa a existir pela presença desse observador que, segundo as próprias vivências e interesses, poderá perceber o objeto como obra de arte e produzir pensamentos sobre ele e o mundo. Assim, a experiência estética não é apenas olhar o objeto, mas é percebê-lo de tal maneira que a nossa humanidade, nossas faculdades sensoriais e intelectuais sejam despertadas para que a nossa capacidade de ver o mundo se amplie.

Nesse sentido, a produção artística torna-se um recurso valioso para refletir sobre a formação docente e a imprescindível interdisciplinaridade. Arte e Geografia podem estabelecer diálogos que incentivem professores e estudantes a pensar de forma crítica, envolvendo-se com situações diversas e perspectivas múltiplas. Essa interação aproxima as experiências prévias dos estudantes de novos conceitos, promovendo reflexões sobre o mundo, o espaço geográfico e a ordem social.

É nesse encontro que o professor pode adotar uma visão dinâmica, identificando experiências e fontes criativas para enriquecer o seu repertório cultural e pedagógico, ampliando as possibilidades de práticas de ensino.

Nosso objetivo neste texto é analisar a obra de um artista contemporâneo cuja produção dialoga de maneira direta e provocativa com os conhecimentos geográficos. Trata-se de Alex Flemming, um artista cuja obra pode enriquecer a perspectiva de docentes e discentes interessados na compreensão da produção do espaço pelos seres humanos. Apresentaremos o autor e algumas de suas obras sob a perspectiva de uma análise interpretativa, uma leitura cultural que explora as interfaces entre sua produção plástica e visual e a Geografia. Trata-se de uma investigação que busca olhar para a produção de um autor, explorando suas

ressonâncias, inter-relações, bem como os afastamentos e dissonâncias que, frequentemente, permanecem sem solução.

Dessa forma, realizamos uma leitura de uma produção artística que, em sua análise, revela conhecimentos geográficos passíveis de serem explorados no processo de ensino-aprendizagem, pois esse é o cerne da prática docente. Compete ao professor, considerando o contexto histórico e cultural de seus estudantes, ampliar e enriquecer o repertório cultural por meio da arte, de textos e de materiais que promovam a reflexão crítica no processo pedagógico.

Assim, entendemos que essa reflexão é particularmente significativa para docentes de Geografia que abordam a complexidade do espaço geográfico em sala de aula e precisam de um repertório diversificado e interdisciplinar.

Alex Flemming: um olhar sobre o artista e a sua obra

As obras do artista Alex Flemming proporcionam aos espectadores múltiplas formas de interação, seja pelas materialidades exploradas, seja pelos discursos presentes em suas criações. Flemming é um renomado artista contemporâneo brasileiro, com reconhecimento internacional, que vive e trabalha em Berlim, Alemanha, desde 1993. Nascido em São Paulo, em 1954, ele iniciou sua trajetória acadêmica em Economia, em Lisboa, e posteriormente graduou-se em Cinema, Arquitetura e Administração de Empresas em São Paulo. Essa formação diversificada permitiu-lhe estabelecer diálogos entre a arte e diferentes áreas do conhecimento, influenciando de forma significativa seu processo criativo.

As temáticas abordadas por Flemming em suas obras concentram-se na condição humana e nas relações estabelecidas com o mundo. Como observa Canton (2002, p. 24), “A arte de Flemming conversa, o tempo todo, com o mundo. Ecoa nele discursos polifônicos que se espelham e se refletem na própria condição de vida do artista”. Suas criações representam um exercício singular de percepção e imaginação sobre o estar no mundo, traduzindo reflexões profundas em formas e narrativas artísticas instigantes.

Flemming se autodenomina um colorista, pois acredita que a produção artística reflete a alma e o espírito do criador, indo além das questões políticas e conceituais que permeiam a arte. Para ele, a arte deve ser “sedutora e arrebatadora”. Em 2018, o artista declarou que “o artista é aquele que produz caudalosamente, artistas têm que produzir muito e muito bem”. De acordo com Laudanna (2016, p. 6), “a perseguição de Flemming do seu objetivo, arte que registra a sua vida, entendida como movente, torna-se potência para os seus trabalhos e faz da arte lugar onde diversas liberdades podem ser experimentadas”.

A obra de Flemming é organizada em séries, nas quais uma temática específica é explorada até o seu esgotamento. Além disso, o artista aborda essas temáticas de maneira circular, retomando-as em momentos distintos ao longo de sua trajetória. Esse movimento permite que um mesmo tema seja revisitado e

reinterpretado sob novas perspectivas, oferecendo ao espectador a oportunidade de aprofundar-se nos conceitos e nas materialidades das obras.

As temáticas escolhidas por Flemming abrangem um amplo espectro, destacando-se questões políticas e sociais, representações do corpo, problemáticas territoriais, bem como reflexões sobre a vida e a morte. Essa diversidade temática evidencia a profundidade e a complexidade de sua produção artística, que desafia o espectador a olhar para o mundo com um olhar crítico e sensível.

As pinturas sobre superfícies não tradicionais são intensas na poética de Flemming. Em 1990, o autor realizou uma intervenção e expôs, na escadaria do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), várias cabeças de boi empalhadas, pintadas de azul metálico, encaixadas em latas de lixo brancas invertidas. Já na Alemanha, ele também desenvolveu trabalhos em superfícies diferenciadas e criou uma série de pinturas de caráter autobiográfico acerca da solidão, cujo suporte foram as próprias roupas que usava (Figura 1).



Figura 1: Abandono. Alex Flemming. Abandono. Berlim, 1998. Tinta acrílica sobre bermuda, 54 x 61 cm. Fonte: https://alexflemming.com.br/project/pintura-sobre-superficies-nao-tradicionais/. Acesso em: 2 set. 2024.

Outros trabalhos em superfícies não convencionais nas criações de Flemming incluem suas representações cartográficas. Em uma dessas obras, o artista pintou mapas sobre madeira e os cobriu com tinta acrílica e pedras preciosas brasileiras, como ametistas, opalas, topázios, entre outras. Nessa série, Flemming faz uma crítica à exploração de pedras preciosas, abordando a realidade de 16 mapas do Brasil. Ele reflete sobre a concentração de riquezas, o consumismo exacerbado na sociedade capitalista e a corrupção, temas evidentes nas imagens que se apresentam nas figuras 2 e 3. Essa série oferece uma reflexão profunda sobre as relações entre geografia, economia e sociedade, utilizando a arte como veículo para discutir questões sociais e políticas urgentes.



Figura 2: Sem título – 1. Flemming. Sem título – 1. São Paulo, 2009a. Acrílico, pedras preciosas sobre madeira, 33 x 33 x 2 cm. Fonte: https://alexflemming.com.br/project/mapas/. Acesso em: 2 set. 2024.



Figura 3: Sem título – 2. Alex Flemming. Sem título – 2. São Paulo, 2009a. Acrílico, pedras preciosas sobre madeira, 33 x 33 x 2 cm. Fonte: https://alexflemming.com.br/project/mapas/. Acesso em: 2 set. 2024.

Na série "Lápides" (Figura 4), Flemming dá continuidade à exploração de possibilidades pictóricas, criando pinturas sobre notebooks fora de uso, gerando um trabalho visual instigante. A palavra “lápide”, que nomeia a série, faz referência ao fim da tecnologia, simbolizando aquilo que já foi superado. Para compor a proposta plástica, o artista cobre os notebooks com tinta acrílica e escreve o nome dos antigos donos sobre eles. Esse gesto remete à efemeridade do mundo digital e dos dispositivos que armazenam memórias, sugerindo, de forma poética, a morte simbólica da tecnologia em um contexto de constante obsolescência.



Figura 4: Lápides. Alex Flemming. Lápides. São Paulo, 2011. Tinta acrílica sobre computador, 28 x 36 x 34 cm Fonte: Disponível em: https://alexflemming.com.br/project/pintura-sobre-superficies-nao-tradicionais//. Acesso em: 2 dez. 2024.

Outro trabalho significativo do artista encontra-se na estação de metrô Sumaré, na cidade de São Paulo. Dando continuidade à sua poética com suportes não convencionais, Flemming utilizou a plotagem sobre vidro para exibir 22 imagens de rostos de pessoas anônimas nas plataformas de embarque e desembarque da estação, por onde circulam milhares de indivíduos todos os dias. As figuras retratadas são fotografadas de forma frontal, como em documentos de identificação, como passaportes e carteiras de identidade.

Essas imagens foram coladas sobre os vidros e se misturam ao ambiente da estação, com a transparência do vidro proporcionando diferentes formas de interação para o público. Da plataforma, é possível ter uma visão ampla da região, do movimento urbano e da paisagem construída, que se modifica constantemente. Um dos objetivos do artista foi explorar os olhares da população anônima que transita pelo metrô, abordando temas como identidade, alteridade e o sentimento de pertencimento do cidadão em relação ao transporte e ao espaço público, que são, muitas vezes, percebidos apenas como ambientes de passagem e locomoção.

Sobre as imagens dos rostos, Flemming sobrepôs letras coloridas e trechos de poemas de autores brasileiros, infundindo, em cada imagem, leituras que evocam as diferenças sociais e culturais dos cidadãos. De acordo com Canton (2002, p. 119), os textos de Flemming funcionam "como um presente ou uma benção; os textos dos poemas são colocados sobre as imagens maculadas pelos dias de trabalho e de existência, carimbando-os com nova vida".

Nesta série, o artista nos convida a refletir sobre a importância da identidade nos espaços públicos, no trânsito dos corpos pelo espaço e na questão do individualismo observado nas sociedades contemporâneas (Figuras 5 e 6).



Figura 5: Sem título. Alex Flemming. [Sem título – 3]. São Paulo, 1998a. Fotografia em vidro. Fonte: Disponível em: https://heloisabomfim.com/historia-da-arte/alex-flemming1954-estacao-sumare-do-metro-1998/. Acesso em: 2 set. 2024.



Figura 6: Sem título. Fonte: Alex Flemming. Sem título – 4. São Paulo, 1998a. Fotografia em vidro.
Fonte: Disponível em: https://arteforadomuseu.com.br/estacao-sumare/. Acesso em: 2 set. 2024.

No ano de 2020, Alex Flemming, engajado em ações para alertar sobre a importância do uso de máscaras faciais de proteção como medida para evitar a propagação do Novo Coronavírus, realizou uma intervenção na série de obras da Estação Sumaré (Linha 2 - verde) (Figura 7).



Figura 7: Sem título. Alex Flemming. Sem título – 5. São Paulo, 2020. Fotografia em vidro. Fonte: Disponível em: https://metrosp.blog.br/metro-sp-usa-arte-para-alertar-sobre-a-prevencao-a-covid-19.html. Acesso em: 14 set. 2024.

O artista tem explorando a temática do corpo em suas criações há quase 40 anos. Ele enfatiza a circularidade em suas obras, ou seja, os temas são recorrentes, retornando em diferentes momentos e sob diversas abordagens. Nesse contexto, destacam-se a efemeridade e a transitoriedade da vida, especialmente do corpo. Esta pequena mostra nos oferece uma oportunidade de perceber o impacto do trabalho do artista, que se revela potente para a reflexão sobre as questões do mundo contemporâneo.

A série "*Body Builders*"

Com a série "Body Builders", Alex Flemming propõe reflexões sobre o corpo e os conflitos espaciais. De grande relevância, a série começou a ser produzida em 1997, tendo o fisiculturista como figura central — o sujeito que se dedica à construção e modelagem da musculatura do corpo. Nesse contexto, o corpo se conecta à visão do espaço e à representação cartográfica. A exposição "Alex Flemming: Corpo Coletivo", realizada em julho de 2001 no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro, sob a curadoria de Ana Mae Barbosa, dividiu a obra em sete categorias de corpos, a saber: "Corpo Político, Corpo Mítico, Desconstrução do Corpo, Corpo Ausente, Memória do Corpo e O Corpo e a Identidade" (Barbosa, 2002, p. 12).

Nas figuras 8 e 9 da série "Body Builders", Alex Flemming retrata corpos de atletas, lutadores e nadadores, cujas formas foram moldadas por exercícios e treinos intensivos. O artista fotografa corpos jovens e esbeltos e, utilizando recursos computacionais, justapõe imagens de mapas de regiões de guerra e zonas de conflito, como Israel, Chiapas (México) e Bósnia — áreas que desempenharam e ainda desempenham papéis centrais no cenário geopolítico mundial, sobretudo nos conflitos dos anos 1990.

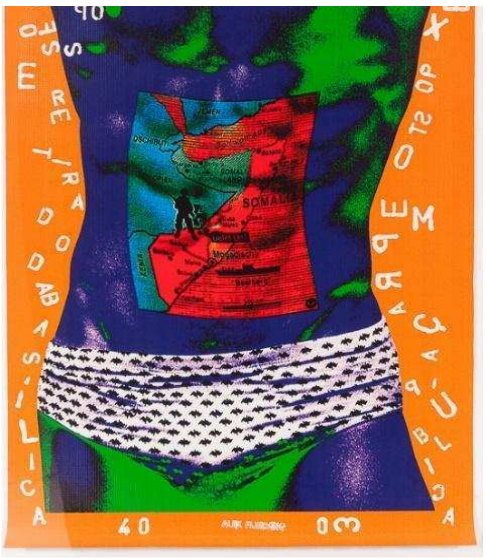
Para enriquecer a plasticidade da obra, Flemming realiza interferências pictóricas com tinta acrílica, aplicando caracteres gráficos sobre as fotografias. Essas intervenções incluem trechos borrados de poemas, composições musicais e passagens bíblicas, alguns desses textos invertidos ou parcialmente ausentes. A diagramação adotada pelo artista não impossibilita completamente a compreensão do conteúdo, mas desafia o espectador a adotar um olhar mais atento para tentar decifrar a mensagem. Nessa série, há também uma busca por uma materialidade distinta da convencional, com a escolha do plástico como suporte, sobre o qual são feitas as impressões fotográficas.

Flemming se autodenomina pintor, mas, em sua prática artística, explora novas possibilidades para o plano pictórico. A fotografia, aliada à pintura, no contexto da produção contemporânea, se mescla às possibilidades tecnológicas, elementos que o artista adota para aprofundar pesquisas e questionamentos sobre o corpo, o território e suas implicações políticas, sociais e humanas.

Na obra de Flemming, a fotografia não se limita à representação tradicional, aquela capturada pela lente e frequentemente confundida com o real. Seu propósito é criar uma imagem que nos desafia a reaprender a olhar. Ele nos convida a descobrir novos significados, que emergem tanto da visualidade quanto da intencionalidade da obra, colocando em jogo o tempo, o espaço e os corpos.

É interessante notar que, nesta série, os corpos retratados por Flemming expressam de forma muito contundente os mapas, os cenários de guerra, os conflitos e as contradições contemporâneas. Esse fato nos leva a um questionamento: por que o artista escolheu, deliberadamente, corpos esculturais, modelados por exercícios intensivos, conhecidos como *bodybuilders* — ou, em tradução literal, "corpos construídos"?

Barbosa (2002, p. 19) reflete que “a figura humana, em Alex Flemming, não é a representação do corpo, mas a representação por meio do corpo”. Assim, a série "Body Builders" busca sintetizar uma anatomia política do corpo, evidenciando um corpo marcado e atravessado por territórios, pelas linhas de mapas, e pelo contexto sociocultural e político que o envolve. O corpo, nesse caso, não é apenas um objeto de representação, mas um meio para revelar as complexas dinâmicas de poder e as tensões do mundo contemporâneo.



A série "Body Builders" (Figuras 8 e 9) foi desenvolvida na Alemanha, país onde o artista reside. Segundo Barbosa (2002, p. 13), Flemming, ao estar imerso no ambiente europeu, "reinterpreta a colonização e amplia seu universo de significações". Para a construção dessa série, o artista se inspirou nas cenas de refugiados, em experiências cotidianas que o motivaram a traduzir visualmente esses acontecimentos. Em uma entrevista, Flemming afirma que as cenas que observou são uma reflexão sobre o mundo no terceiro milênio. Seu objetivo, ao abordar esses temas, é discutir os limites e as fronteiras do corpo, da filosofia e das religiões.[1].

Figura 8: Somália. Alex Flemming. Somália. São Paulo, 2003. Tinta acrílica sobre PVC, 78 x 54 cm. Fonte: Disponível em: https://alexflemming.com.br/project/body-builders/. Acesso em: 2 set. 2024.

[1]Entrevista do artista concedida ao Jornal Estadão. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,alex-flemming-expoe-corpos-no-ccbb,20010713p9000. Acesso em: 14 set. 2024.

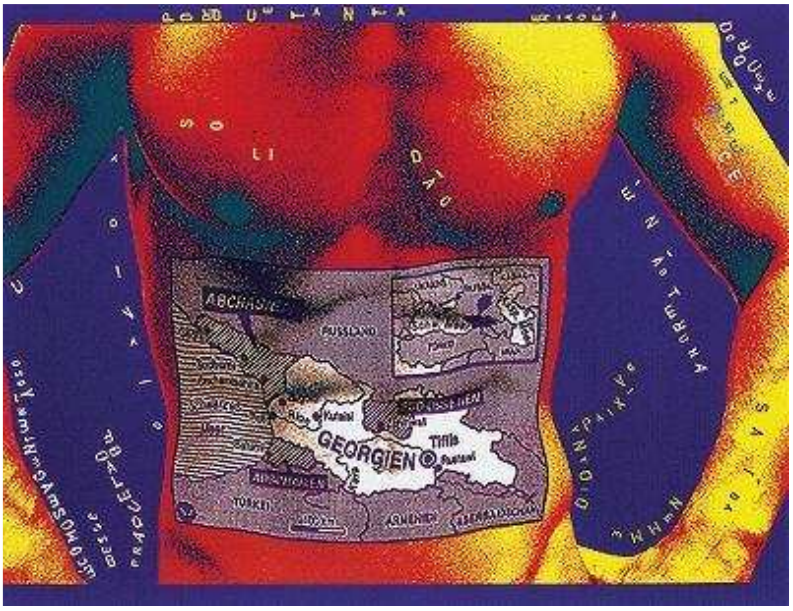


Figura 9: Georgien. Alex Flemming. Georgien. São Paulo, 2001. Tinta acrílica sobre PVC, 154 x 202 cm
Fonte: Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra59845/georgien. Acesso em: 19 set. 2019.

Os conflitos contemporâneos retratados por Flemming nos convidam a refletir sobre valores e posicionamentos que permeiam os fatos cotidianos, embora estejam intrinsecamente ligados a elementos históricos com um lastro temporal, que se estendem por vastos domínios do nosso planeta. Esses conflitos não se limitam a eventos imediatos, mas refletem questões estruturais e profundas que atravessam diferentes contextos sociais, políticos e culturais ao longo do tempo.

Segundo Ventrella e Souza (2005, p. 41):

> No século XX, a maioria das áreas em guerra no mundo foram resultado da partilha colonial entre as grandes potências dos séculos XVIII e XIX. Do oriente Médio até a região de Chiapas, no México, o que vemos são consequências das políticas coloniais europeias, soviéticas, turcas e americanas sobre áreas com tradições diferentes das de seus colonizadores.

Barbosa (2002) compara os bodybuilders a anti-heróis contemporâneos. Para a autora, embora esses indivíduos ainda possuam uma característica heroica, com coragem moldada pelo nosso tempo, o que certamente não demonstram é a soberania sobre o próprio destino, uma vez que as conquistas da civilização física não correspondem às da sociedade política. A série aproxima-se dos conflitos existentes no mundo e dos conflitos internos das pessoas.

Os corpos, apesar de musculosos, são passíveis de destruição, subservientes às decisões políticas e aos interesses de luta e poder. Assim, o poder deles se esgota em si mesmos. Ainda intocados pela ação e degradação do tempo, os corpos bonitos são os que matam e morrem, torturam e são torturados em cenários de guerra, sendo também corpos que se refugiam dos conflitos, em busca de outro abrigo.

Há, nessa obra, a possibilidade de uma leitura que contribua para distintas áreas do conhecimento, nos campos político, artístico e geográfico. Essa leitura pode sugerir uma interpretação da série "Body Builders" no que diz respeito à construção de rituais do corpo e seus marcadores espaciais. De acordo com Barbosa (2002, p. 13), o corpo individual é "marcado pelas lutas territoriais de ontem e de hoje, lutas estas que mapeiam as diferenças culturais". Assim, há uma interconexão forte entre tempo e espaço na obra artística.

Para Canton (2002, p. 53), com essa série, Flemming instaurava o gérmen de uma obra poderosa:

> Os *Body-Builders* são fortes e belos. São peles que se emprestam e que se transformam em mapas. São geografias que demarcam guerras, conflitos e devastação. Nas telas dessa série, Flemming nos oferece a visão de partes de corpos jovens, malhados e plastificados. As formas são contornadas com textos que conversam entre si e se confrontam com a tensão daqueles territórios em guerra.

Dessa forma, podemos observar que os corpos construídos por Flemming se justapõem aos conflitos territoriais e suscitam uma reflexão pós-colonialista. No campo das Artes Visuais, podemos entender como pós-coloniais, conforme assinala Barbosa (2002, p. 18), “os discursos visuais que comentam, analisam ou criticam práticas e visualidades baseadas em experiências coloniais fora da Europa, mas vinculadas à expansão europeia no mundo”.

Nesse contexto, a produção das Artes Visuais se entrelaça com a Geografia do mundo. Na obra de Flemming, os mapas projetados parecem tatuagens (Figura 10) que narram uma história nos corpos, enquanto as imagens cartográficas apresentam uma rigidez e normatividade que se desfazem ao abranger os corpos e seus pertencimentos. A representação do espaço se torna circunscrita na projeção dos mapas sobre os torsos, cujos contornos e volumes são intensificados por cores alteradas por recursos computacionais. Dessa maneira, o artista reinventa a linguagem cartográfica em uma geografia corpórea. Com a poética do artista, “há possibilidade de haver tantas cartografias quanto sejam as geografias possíveis, mas para isso é preciso retomar - e reinventar - a linguagem cartográfica na coerência com o pensamento sobre o espaço” (Girard, 2014, p. 488).

Como sabemos, os mapas são fundamentais na Geografia e, de maneira análoga, também o são na arte. No entanto, a leitura deles não se restringe à elaboração técnica, pois, como destaca Girardi (2000, p. 43), "mapas são produções culturais de discursos sobre território. Assim sendo, é possível ler a sociedade por meio de seus mapas".

Ao estabelecer um diálogo interdisciplinar sobre a série “Body Builders”, percebemos que a linguagem artística atravessa a Geografia e vice-versa, proporcionando novas interpretações que vão além do que está explicitamente apresentado. Esse diálogo nos conduz a explorar dimensões ainda não percebidas. Os mapas estampados nos corpos atléticos escapam de uma captura meramente representacional; como afirma Ferraz (2017, p. 83), “as artes permitem que o infinito seja percebido em suas diferenciações”, enquanto a Geografia tem a capacidade de “explicitar o sentido propriamente político das imagens”.

produções de Flemming favorecem o pensamento interdisciplinar, algo bastante comum na arte contemporânea. Segundo Barbosa (2012, p. 40), essa arte frequentemente "trata de interdisciplinarizar, isto é, pessoas com suas competências específicas interagem com outras pessoas de diferentes competências e criam, transcendendo cada um, seus próprios limites ou, simplesmente, estabelecem diálogos".

Dessa forma, a interdisciplinaridade pode provocar experiências ricas na produção de conhecimentos. Como afirma Fazenda (2001, p. 15), "a trilha interdisciplinar caminha do ator ao autor de uma história vivida, de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica arduamente construída". Esse movimento contínuo entre prática e teoria enriquece a compreensão e amplia as possibilidades de reflexão nas diversas áreas do saber.

Nesse ínterim, Rajchman (2011) propõe uma reflexão sobre a arte contemporânea e as ideias que ela implica e confronta. O autor alerta para o cuidado de não romantizar a arte, definindo-a apenas como produto de algo que não pode ser expresso de outra maneira, nem como um meio didático para ilustrar determinada teoria. Nesse contexto, é fundamental compreender como os artistas pensam a arte, como surgem as ideias por trás de suas propostas, como escolhem novas materialidades e como essas produções assumem formatos inovadores que dialogam com outros campos teóricos.

Assim, torna-se oportuno observar como os aspectos geográficos se fazem presentes na arte contemporânea. Temas como deslocamento, exílio, nomadismo, instituições locais e globais, espaço geográfico e novas composições cartográficas se destacam em obras de diversos artistas. Esses temas não apenas refletem as transformações contemporâneas, mas também ampliam o entendimento do espaço e do território nas produções artísticas, sublinhando a conexão entre Arte e Geografia no cenário atual. O autor acentua que:

> a geografia (e a natureza dos "espaços" que ela nos mostra) não é apenas um tema ou objeto das Artes Visuais, mas está presente também nas condições do mesmo olhar e do pensamento, ou como parte do que é 'ter ideias' e, como tal, fazer parte da própria atividade de pensar (RAJCHMAN, 2011, p. 104).

O diálogo entre arte e geografia é claramente evidenciado na obra de Flemming. O artista problematiza os limites e o lugar ocupado pelos corpos, além de levantar questões sobre territorialidade, o espaço ocupado, disputado e representado, e o corpo. Como afirma Barbosa (2002, p. 19), "a figura humana de Alex Flemming não é representação do corpo, mas representação por meio do corpo. Não é um corpo construído para o olhar contemplativo, mas o corpo que se dissolve em autodefinição, em conflitos e em linguagem cultural e, ao se dissolver, torna-se coletivo". Dessa forma, temos um corpo com história e geografia, um corpo situado no tempo e no espaço.

Na sua construção plástica, Flemming interfere nas fotografias com tinta acrílica, utilizando letras de músicas, fragmentos de livros de Geografia, e escritos autorais e bíblicos. Entre as letras de música, destacam-se obras de compositores brasileiros, como Rita Lee, Villa-Lobos, Renato Russo e Roberto Carlos.

inclusão de passagens bíblicas também merece destaque, pois nos remete à maneira como a arte e a religião sempre exerceram forte influência na sociedade, sendo ambas veículos de poder e política. Através dessa apropriação, Flemming questiona a religião como forma de poder em diversos territórios e no próprio corpo, utilizando as passagens bíblicas universais para chamar a atenção para os conflitos atuais representados nos mapas projetados nos corpos atléticos.

Além dessas interferências, algumas obras da série recebem a escrita de textos provenientes do Antigo Testamento, nos quais já eram mencionadas guerras e perseguições de povos, motivadas por questões semelhantes às que vivenciamos hoje, como intolerâncias étnicas e religiosas e disputas territoriais. A utilização dessas referências históricas e religiosas reforça o caráter atemporal e universal das problemáticas abordadas por Flemming, ligando as questões contemporâneas às lutas do passado.

Em relação às interferências, Ventrella e Souza (2005, p. 32) elencam alguns questionamentos:

> Sobre as imagens dessa série, letras formam frases que, como em outras obras, o artista parece ter dificultado a leitura propositalmente. As letras, espalhadas pelos desenhos, às vezes entrecortadas ou invertidas, confusas ou fora do lugar, parecem fazer referência às próprias pessoas que vivem as situações retratadas.

Flemming, ao utilizar artisticamente os mapas para situar acontecimentos, estabelece uma relação entre arte e vida, permitindo-nos refletir sobre a ordem social. Ventrella e Souza (2005, p. 29-30) destacam que a trajetória artística de Flemming está relacionada "à maneira de ele ver o mundo, senti-lo e representá-lo. Alex Flemming também é um artista multimídia, pois já fez poesia, gravura, pintura, fotografia, objeto e cinema, ou seja, ao longo das décadas ele vem produzindo arte sobre os mais diferentes suportes".

Diante disso, o artista contemporâneo parece propor questionamentos e promover o prazer estético da fruição. Nesse contexto, o leitor/espectador desempenha um papel fundamental na produção de sentidos acerca dos textos artísticos, tanto verbais quanto não verbais, presentes em suas obras. O impacto visual causado pelas intervenções nas imagens criadas pelo artista é essencial, uma vez que essas interferências instigam o público a refletir e, em algumas ocasiões, identificar detalhes e nuances nas obras.

Os mapas, por sua vez, possuem uma linguagem própria, na qual linhas, símbolos e diagramações retratam guerras internacionais e interculturais, configurando verdadeiros mapas de conflitos. Na obra analisada do artista, observa-se um equilíbrio entre cartografia e corpo, onde ambos dialogam no mesmo espaço da tela, instigando reflexões e questionamentos.

Na sociedade, o corpo escultórico dos atletas é frequentemente percebido como um objeto de desejo. Nesse sentido, Girardi (2016, p. 145) estabelece uma relação entre o desejo e o mapa em si:

> Esse objeto, o mapa, que simula uma imagem de território estável, capturável no todo (porque visto na ortovisão) e em toda sua natureza, cada vez mais disponível pela disseminação tecnológica e cada vez mais produzido porque é, ele mesmo, elemento da reprodução do capital, vira objeto de desejo e, nesse ganho de autonomia, de coisa desejada, de fetiche, por vez deseja-nos.

forma singular com que cada leitor interpreta a obra de arte desafia o artista a elaborar proposições poéticas no contexto das expressões artísticas contemporâneas. A série *Body Builders*, de Alex Flemming, nos auxilia a refletir sobre como o conceito de território, presente na Geografia, também se manifesta na arte, ao propor uma perspectiva interligada que aponta para a possibilidade de uma formação estética docente. Essas produções artísticas são permeadas por um potente caráter crítico e questionador, que nos conduz a refletir sobre sua relação com as questões políticas e sociais da contemporaneidade.

Loponte (2014) discute como a formação estética pode ser ampliada pela arte contemporânea, permitindo ultrapassar os rótulos e adjetivos frequentemente atribuídos aos docentes, como professores reflexivos, pesquisadores, autônomos ou competentes, conforme os modismos teóricos, metodológicos ou políticos em vigor. Sob o olhar crítico da autora: "A possibilidade de uma identidade fixa, imutável e pura dissolve-se em tempos de comunicação instantânea e globalização cultural" (Loponte, 2014, p. 648).

A arte contemporânea, ao romper com os modelos identitários que frequentemente limitam e reduzem a potência dos professores, abre possibilidades significativas para a formação docente. Nesse sentido, é fundamental propor o uso da arte como um dispositivo capaz de desafiar nossas ideias mais convencionais sobre a figura do professor, promovendo uma formação enriquecida e provocada por inquietações estéticas, independentemente da área de conhecimento.

Na obra *Somália*, de 2003 (Figura 8), os elementos visuais são compostos por massas de cor, silhueta humana, estampa de sunga com padrão preto e branco, mapas cartográficos, letras e números. As cores complementares (azul e laranja, verde e vermelho) são harmoniosamente distribuídas na imagem, destacando-se por sua intensidade e vibração. O laranja envolve o corpo humano e preenche todo o fundo da tela, enquanto o torso masculino é apresentado em um tom azul-arroxeado. No abdômen do corpo fotografado, um mapa projetado em um vermelho intenso atrai imediatamente o olhar para essa região.

A cor complementar verde aparece em forma de sombras e nuances localizadas na genitália, no tórax e nas costelas. O uso estratégico dessas cores em áreas específicas da imagem confere à obra interpretações nas quais o corpo se transforma em um mapa, representando uma cartografia inusitada. As nuances verdes sobre o torso azul evocam formas de relevo, sugerindo a topografia de um espaço.

O mapa inserido na composição refere-se ao território da Somália, país situado no continente africano, cuja história é marcada por conflitos e crises humanitárias. Por meio dessa obra, o artista chama atenção para a interconexão entre corpo, guerra e território, justapondo esses elementos às experiências áridas e conflitantes vivenciadas pelos sujeitos em espaços marcados pela violência.

Conforme Tolotti (2019), o texto disposto de forma desordenada na pintura *Somália*, de 2003 (Figura 10), representa um exemplo de literatura portuguesa contemporânea. A frase foi retirada do livro *Um estranho em Goa*, do escritor português Agualusa (2010), que menciona: "[ele] ordenou que o corpo [do Santo] fosse retirado da basílica e exposto em praça pública" (Tolotti, 2019, p. 82).

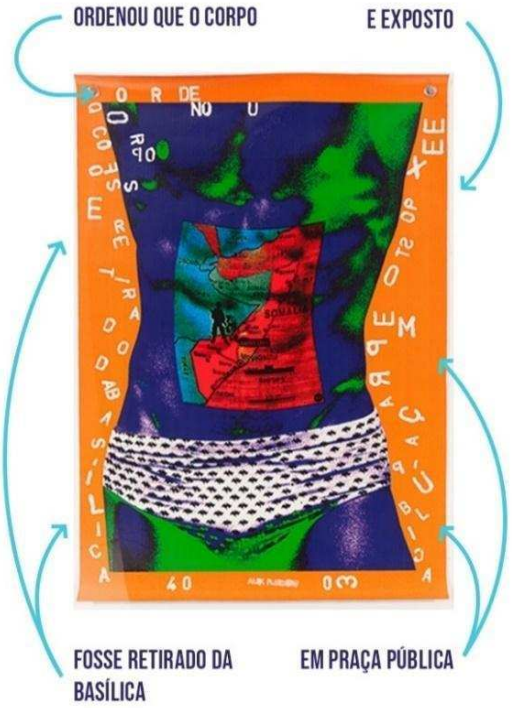


Figura 10: Detalhe da obra “Somália” de Alex Flemming.

Na pintura *Georgien*, de 2001 (Figura 9), o fundo negro confere imponência ao corpo masculino, ao mesmo tempo em que define seus limites e contornos. A obra projeta o mapa da Geórgia, país situado na Ásia Central, cuja capital é Tbilisi. Durante muitos anos, esse território foi palco de intensos conflitos armados, motivados por disputas de poder e domínio territorial.

Nesta produção da série *Body Builders*, Alex Flemming convida à reflexão sobre o corpo e os conflitos territoriais, ao expandir o mapa no espaço do abdômen do atleta. A cartografia se funde à pele, e os contornos musculares do corpo tornam-se o cenário de um território que vai à guerra, transformando-se em um corpo coletivo, símbolo das experiências humanas em contextos de confronto e violência. Tolotti (2019, p. 77) alega que:

> Há a gerência da vida – da saúde, do comportamento, da alimentação – que incide diretamente sobre o espaço que é o corpo: países em guerra produzem corpos que atendem às demandas necessárias. Mais ainda, perscrutando o caminho realizado pelos soldados-*bodybuilders* de Flemming, o que se configura para a população incide de maneira mais contumaz a esse indivíduo: é a disciplina dos quartéis e do Exército, dos regimes e regulações internas.

Outro aspecto que se destaca na obra *Georgien* (Figura 11) é o mapa projetado no corpo, que evidencia as questões separatistas da Geórgia. Conforme Biscalquin (2013, p. 87):

> A Geórgia vive divergências políticas desde 1989, quando a Ossétia do Sul, pequeno território georgiano localizado no Cáucaso do Sul, declara sua autonomia. A possibilidade de perda da soberania georgiana gerou os conflitos que se estenderam pelos dois anos seguintes até que a Rússia, Geórgia e Ossétia do Sul acertam a criação de uma força de paz. [...] A obra data de 2001, anos antes do grande conflito armado de agosto de 2008 e dos

> episódios atuais. [...] os *bodybuilders* conseguem apontar o passado, questionar o presente e sugerir reflexões sobre o futuro para as guerras que vivemos na contemporaneidade.

As letras, novamente dispostas de maneira desconexa, nos conduzem à descoberta de outro enigma, pois é possível identificar nelas a canção *A Medida da Paixão*, do compositor e músico brasileiro Lenine (1999). Na Figura 11 destacamos de modo alusivo as partes da letra da canção utilizada por Flemming na sua obra.



Figura 11: Letra/detalhe da música “A Medida de Paixão”, de Lenine

De acordo com Biscalquin (2013), a música *A Medida da Paixão*, de Lenine (1999), expressa o desalento de duas pessoas que se amavam, mas se separaram. No entanto, no contexto da obra de Flemming, as estrofes ganham novos significados, refletindo o esvaziamento da vida humana, as vítimas dos conflitos armados e os corpos que amam e se perdem na guerra. Essas análises ilustram como a arte possibilita diversas articulações no contexto educacional, ao englobar aspectos políticos, econômicos e culturais.

Sabemos que um fazer docente criativo pode ser impulsionado por diferentes perspectivas teóricas e conceituais, mas não devemos subestimar a importância das fontes imagéticas. Guimarães e Soncini (2016, p. 55) discutem as perspectivas de trabalho que combinam a análise cartográfica com as produções de artistas:

> Artes Plásticas compõem um campo fértil para a prática pedagógica e, de modo especial, para o ensino de Geografia. Sendo uma forma de linguagem, utiliza de diversos materiais e procedimentos para produzir objetos e formas artísticas. Há muitos artistas que se dedicam a produzir obras que exploram questões sociais, espaciais, modos de vida e paisagens diversas. Por meio deles podemos pensar em exercícios de observação crítica.

No contexto interdisciplinar analisado, observamos que a produção e representação do espaço na arte e na geografia são fundamentais para compreender as relações humanas no/com o mundo. O espaço geográfico é concebido como uma esfera múltipla, onde distintas trajetórias coexistem, como afirma Massey (2009, p. 32): "o espaço não existe antes de identidades/entidades e suas relações." Este é, sem dúvida, um grande desafio para ambas as áreas.

Acreditamos que a obra de Flemming pode ser de grande relevância para o processo de formação docente em uma perspectiva interdisciplinar. Trata-se não de ensinar conteúdos de geografia por meio da arte, mas de ampliar os horizontes, destacando os dois campos e as possíveis interseções de saberes. Isso é crucial para criar, inventar e imaginar percursos pedagógicos diferenciados, que possibilitem a discussão de temas como identidade, espaço, lugar, território, corpo, mapas, conflitos e guerras, entre outros aspectos.

Principalmente o corpo e o mapa desempenham papéis significativos na obra do artista. Esse aspecto pode gerar, no processo de formação de professores, um debate enriquecedor sobre os limites da racionalidade cartográfica, com o intuito de abordar os conflitos contemporâneos. Muitas vezes, é necessário recorrer aos artistas e suas produções, que têm o poder de despertar a sensibilidade estética sobre a geografia contemporânea, ampliando as percepções e reflexões sobre os temas que moldam o mundo atual.

Outros encontros

Ao adentrarmos no universo plástico do artista, podemos nos deparar com muitos achados significativos. observamos a necessidade de abordar outras obras que também compõem um fértil diálogo entre arte e geografia para a formação de professores. Ponderamos que a força do trabalho do artista parece se inserir no conjunto de toda a sua produção plástica, ao compreender que grande parte das suas produções é marcada por mapas e pelos sentidos que esses objetos têm na arte contemporânea.

Consideramos importante destacar duas obras representativas do potencial das produções de Flemming para a formação docente: *EU/ME*, de 2016, que integra a série *Autorretratos* (Figura 12), e a instalação *Galileu Galilei*, de 2008 (Figura 13).



Figura 12: EU/ME. Alex Flemming. EU/ME. São Paulo, 2016. Tinta acrílica e colagem sobre tela, 90 x 140 cm. Fonte: Disponível em: https://alexflemming.com.br/project/auto-retrato/. Acesso em: 2 set. 2024.



Figura 13: Instalação Galileu Galilei. Alex Flemming. Instalação Galileu Galilei]. Berlim, 2008. Fonte: Disponível em: https://alexflemming.com.br/project/instalacao/. Acesso em: 2 set. 2024.

Flemming não se contenta apenas com a busca pela beleza em seus trabalhos; sua mente inquieta e questionadora o leva a abordar temas como política, religião, sexualidade, identidade, entre outros. Suas obras sugerem (ou abrem espaço para) uma perspectiva poderosa de leitura, análise, pesquisa e composição estética, que integra arte e geografia. Essa abordagem permite ir além dos conteúdos disciplinares tradicionais, convidando-nos a investigar novas formas de desenvolver conhecimentos e questionamentos. Nesse processo formativo, pode ser relevante que os docentes se aventurem a criar produções com

materialidades diversas sobre o corpo, o território e os mapas, com base ou inspirados nas obras de Flemming.

Nosso encontro com as produções artísticas pode ser, por vezes, singular. A formação estética será mais vigorosa se envolver o docente no saber-fazer, no conhecimento e na ação. Duarte Júnior (2010, p. 23) aponta que "a arte pode consistir em um precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, mas também a desenvolver e curar nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida."

Certamente, esses são alguns dos papéis mais importantes dos artistas contemporâneos: produzir efeitos no sujeito, incomodá-lo, interceptá-lo pelo estranho, pelo singular e pela possibilidade de despertar em si outras ideias sobre a realidade vivida e as questões do mundo.

Considerações Finais

Nas considerações finais deste texto, é importante refletir sobre o papel da obra de arte, criada pelo artista e compreendida pelo espectador, que, ao absorver a obra, acrescenta valores estéticos, únicos e individuais, mediados por suas próprias experiências. Jorge Larrosa (2002) nos convida a refletir sobre os sentidos da experiência, destacando que, para compreender como a experiência de aprendizagem se manifesta, é necessário perceber que "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Larrosa, 2002, p. 21). Dessa maneira, o excesso de informações que vivenciamos não expande nossa experiência; ao contrário, pode até anulá-la. O mesmo ocorre com o excesso de atividades, a falta de tempo e o turbilhão de solicitações. Esses fatores podem reduzir as possibilidades de uma experiência genuína.

Essa discussão é fundamental para refletirmos sobre a formação dos professores. Proporcionar ao docente uma experiência com obras artísticas pode ampliar seu repertório de singularidades e conhecimentos, e a troca desses saberes possibilita a construção plural de aprendizagens. Contudo, cada experiência é única; cada professor se forma de maneira própria e imprevisível.

No contexto educacional, a estética do cotidiano destaca o trabalho de sensibilização para as questões da natureza e os objetos estéticos do cotidiano. Um dos pontos interessantes dessa abordagem estética é a valorização dos aspectos culturais e das experiências carregadas pelo sujeito, permitindo relacionar, de forma intrínseca, o saber espontâneo e automático com os conhecimentos adquiridos por meio das obras de arte presentes na sociedade.

Docentes e estudantes se relacionam com a superexposição imagética proporcionada pela contemporaneidade, na qual as imagens cotidianas, veiculadas por diferentes mídias, estão interconectadas

em

um emaranhado de produções. Tudo indica que estamos cada vez mais sendo conduzidos a imersão intensa nas produções visuais, tornando-nos educados por meio das imagens.

Diante disso, refletimos sobre a estética em suas distintas manifestações, com foco mais pontual na arte contemporânea, ao entender que a formação do professor se dá não apenas por informações, conteúdos, mas, sobretudo, pela experiência. A formação estética está entrelaçada ao nosso cotidiano, e os artistas se apropriam de materialidades diversas, criando objetos e propostas artísticas que nem sempre se vinculam ao conceito tradicional de belo, mas que têm a capacidade de provocar, atingir e mobilizar o espectador de maneiras diversas.

Portanto, torna-se imprescindível criar estratégias para a formação estética de professores, alinhadas às produções artísticas do nosso tempo, especialmente à arte contemporânea. Quando o professor vivencia novas formas e possibilidades artísticas e culturais, ele pode promover práticas escolares mais dinâmicas e menos estereotipadas, favorecendo processos que incentivam a autonomia e a criatividade. Se almejamos uma formação estética de qualidade, é necessário "desapegar-se das pretensões universais de beleza e sensibilidade e estar atento à arte que se aproxima da complexidade e dissonância do tempo em que vivemos" (Loponte, 2017, p. 448).

As produções artísticas, ao ocuparem diversos espaços, nos instigam e provocam de maneiras distintas, refletindo múltiplos modos de enxergar o mundo. Elas possibilitam a construção de novos conceitos, mediada pela sensibilização proporcionada pelo contato com manifestações artísticas oriundas de variadas culturas, épocas e contextos. Nesse sentido, a estética e a comunicação revelam-se inseparáveis, pois as artes estabelecem um diálogo entre os sujeitos, envolvendo-os em um processo artístico que demanda criatividade e reflexão, especialmente no que diz respeito à relação com o espaço e suas múltiplas dimensões.

A arte nos permite pensar sobre o mundo, sobre o espaço geográfico e sobre as relações humanas. Esse é um dos aspectos que podemos antever nas obras do artista Alex Flemming.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Rio de Janeiro. Gryphus, 2010.

BARBOSA, A. M. A inquietante corporeidade de Alex Flemming. *In*: BARBOSA, A. M. (Org.). *Alex Flemming* - artistas brasileiros. São Paulo: Edusp, 2002.

BISCALQUIN, J. M. N. *Alex Flemming*: questões para nosso tempo. Orientador: Nome. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos*: a educação (do) sensível. 5. ed. Curitiba: Criar, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ***.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

CANTON, K. *Alex Flemming, uma poética***.** São Paulo: Metalivros, 2002.

DEWEY, J. *A arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2010.

FAZENDA, I. C. A. *Dicionário em construção*: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRAZ, C. B. O. Arte, imagens e geografia: Desafios e temores para o pensar. *In*.: NUNES, F. G. J.; NOVAES, Í. F. de (Orgs.). *Encontros, derivas, rasuras*: potências das imagens na educação geográfica. Uberlândia: Assis, 2017. p. 63-101

GARDNER, H. *As artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 54-57.

GIRARDI, G. Entre obras de arte e cartografia geográfica: intercessores. *In*: Colóquio Ibérico de cartografia, 14, 2014, Guimarães. *Anais*... Guimarães: APG/UMinho, 2014.

GIRARDI, G. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre Geografia e Cartografia. *Geografares*, [S. l.], v.1, n. 1, p. 41-50, jun. 2000.

GIRARDI, G. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 147-157, fev. 2016.

GUIMARÃES, I. V.; SONCINI, R. I. Outras maneiras de pensar o espaço: uma experiência didática com a obra de Vik Muniz. *In*: GUIMARÃES, I. V (Org.). *Espaço, tempo e cultura midiática na escola*: propostas para o ensino de geografia. Curitiba: CRV, 2016. p. 55-80

LAUDANNA, M. *Alex Flemming*. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2016.

LENINE; FALCÃO, Dudu. *A medida da paixão*. In: LENINE. *Na pressão*. BMG Brasil, 1999. 1 disco sonoro.

LOPONTE, L. G. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência. *Educação e Filosofia***,** Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, 2014.

LOPONTE, L. G. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 429-452, jun. 2017.

MASSEY, D. B. *Pelo espaço*: uma nova política de espacialidade. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

RAJCHMAN, J. O pensamento na arte contemporânea. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 91, p. 97-106, nov. 2011.

TOLOTTI, L. P. de O. *Alex Flemming e o corpo*: *bodybuilders*. Orientadora: Elza Ajzenberg, 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

VENTRELLA, R.; SOUZA, V. de. *Alex Flemming*: arte & história. São Paulo: Moderna, 2005.

SOBRE AS AUTORAS

Iara Vieira Guimarães - Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia - MG.

E-mail: iaravgm@gmail.com

Rafaela Celestina Zanette - Mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - MG. Professora de Artes na Rede Municipal de Educação de Uberlândia MG.

E-mail: rafaelazanette@yahoo.com.br

Data de submissão: 26 de dezembro de 2024

Aceito para publicação: 16 de abril de 2025

Data de publicação: 29 de abril de 2025